



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Palmieri Witzler Antunes, Marilícia; Branco Uchoa, Angela
Cooperação, Competição e Individualismo em uma Perspectiva Sócio-cultural Construtivista
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 17, núm. 2, 2004, pp. 189-198
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18817207>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Cooperação, Competição e Individualismo em um Perspectiva Sócio-cultural Construtivista

Marilícia Witzler Antunes Palmieri^{1,2}

Universidade Estadual de Londrina

Angela Uchoa Branco³

Universidade de Brasília

Resumo

Examinando questões de relevância e interesse no campo da psicologia, o artigo focaliza a necessidade de se desenvolver uma perspectiva teórica e conceitual que considere os aspectos sócio-culturais, afetivos, cognitivos na análise das diferentes modalidades de interdependência humana. A perspectiva teórica proposta é sistêmica e holística, que enfatiza a dimensão interativa e contextual presente nos processos de desenvolvimento de valores, bem como na promoção de padrões de interação social específicos. Este artigo atribui especial ênfase aos conceitos básicos decorrentes da adoção de uma perspectiva sócio-cultural construtivista do desenvolvimento, as dimensões metodológicas e ressaltando a necessidade urgente da psicologia de investigar a questão, tendo como tema para a sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Cooperação; competição; individualismo; valores; motivação social.

Cooperation, Competition and Individualism from a Sociocultural Constructivist Perspective

Abstract

In the present article we argue for the need to develop a conceptual and theoretical approach to the study of social motivation, particularly focusing upon the issue of cooperation, competition and individualism. The perspective here proposed is systemic and holist, that emphasizes the interactive and contextual dimension present in the processes of value construction, as well as specific patterns of social interaction. This article highlights the need to investigate the topic from a sociocultural constructivist perspective, addressing the matter of values, especially, stressing the urge of scientific psychology to contribute to contemporary society by providing the processes implied in the development of cooperative, competitive and individualist values.

Keywords: Cooperation; competition; individualism; values; social motivation.

No contexto dos estudos sobre motivação social e valores humanos, muito se discute sobre categorias relativas a diferentes modalidades de participação ou interdependência social, tais como a cooperação, competição, individualismo, coletivismo, altruísmo e agressão, entre outros. Seguindo modelos teóricos específicos, muitos autores tem apresentado variadas propostas teóricas para a explicação dos motivos pelos quais as pessoas orientam suas relações umas com as outras de diferentes maneiras, enfatizando

caracterizada como sócio-cultural. A perspectiva inclui componentes cognitivos que são articulados para a análise dos processos motivacional do indivíduo. A perspectiva traz contribuições à uma compreensão do fenômeno da motivação social, considerando os aspectos envolvidos no desenvolvimento de valores que por sua vez levam

conceituais apresentadas por diversas teorias, destacando-se aí a perspectiva sócio-cultural construtivista. Além disso, será discutida a necessidade urgente das ciências se posicionarem acerca da questão (Morin & Prigogine, 2000), a psicologia aí assumindo sua especificidade no estudo do desenvolvimento dos valores humanos.

A Questão Teórica e Conceitual da Motivação Social: Cooperação, Competição e, Individualismo

O desenvolvimento de estudos que exploram o repertório complexo das relações existentes entre fenômeno psicológico e contexto resgatam a inter-relação dos aspectos culturais, afetivos, cognitivos e sociais envolvidos na construção da subjetividade humana. Tais estudos tem levado à produção de conhecimento acerca de fenômenos relativos ao desenvolvimento social (Ex.: Branco, 1998, 2001; Corsaro, Gaskins & Miller, 1992; Eckerman & Peterman, 2001; Eisenberg & Mussen, 1989; Schweder, 1990; Staub, 1989, 1991; Tappan, 1992; Valsiner, 1987; 1989, 1998).

Os estudos que abordam as diferentes modalidades de interdependência humana nas ciências sociais e, de forma particular na psicologia, por sua vez, têm utilizado diferentes definições conceituais e sugerido explicações diversas para o fenômeno da motivação social, apoiados em orientações teóricas e níveis de análise diversificados.

Na psicologia, em especial na psicologia do desenvolvimento, a discussão teórica e conceitual da cooperação e competição vem sendo considerada no nível das ações ou comportamentos observáveis, isto é, estudos têm sido realizados para investigar a ocorrência de comportamentos caracterizados como pró ou anti-sociais (Ex.: Brownell & Carriger, 1990; Eisenberg & Mussen, 1989; Hoffman, 1990; Staub, 1989, 1991). Para a maioria dos autores, comportamentos pró-sociais são aqueles que representam ações ou atividades consideradas como socialmente positivas, visando atender às necessidades e ao bem-estar de outras pessoas, como, por exemplo, o altruísmo, a generosidade, a cooperação, os sentimentos de empatia e simpatia, etc. Por

pró-social, categoria mais ampla que inclui os autores, tanto ações altruistas, como ações que visam interesses específicos por parte daquele que age em favor de outro social. Destacam, portanto, o individualismo construtivo que se caracteriza pela presença de um sistema motivacional interno, isto é, o indivíduo é motivado de forma voluntária visando o benefício próprio, sem a perspectiva aparente de ganhos para o grupo ou para a auto-recompensa.

Para Edwards (1991), a cooperação e a competição constituem aspectos de um mesmo fenômeno que dependem do contexto e do valor adaptativo da ação. Para o autor, cujas idéias são comparáveis com as de autores de orientação evolucionária (Ex.: Frenière & MacDonalds, 1996), ambos os fenômenos estão a serviço de objetivos individuais e de grupos que constituídos em contextos grupais determinados favorecem a cooperação, ora a competição. No entanto, o indivíduo estará sempre maximizando seu próprio valor adaptativo ao ambiente, caracterizado por suas necessidades ou situação específica. É assim que a vivência de situações cooperativas pode favorecer a expressão de sentimentos de natureza pró-social, conduzindo o indivíduo a agir positivamente em relação às necessidades de outras pessoas, da mesma forma que contextos de competição convidam os indivíduos à hostilidade e ao ódio (Ex.: Staub, 1989, 1991; Radke-Yarrow & Zahn-Waxler, 1993).

Staub (1989, 1991), cuja proposta de modelagem dos componentes partilhados com uma perspectiva construtivista, sugere que os valores sociais são dinamicamente organizados e hierarquicamente integrados no sistema motivacional da pessoa, aí incluindo elementos tais como, por exemplo, orientações de natureza pessoal (*personal goal orientations*), necessidades e motivos conscientes e inconscientes, bem como internalizações de normas, regras e hábitos da cultura. Os valores sociais representam uma importante parte do sistema complexo da personalidade, que é organizado de forma hierarquizada, com a estruturação de

exclusivos, ou seja, quanto mais um indivíduo se aproxima de seu objetivo, mais o outro se afasta da possibilidade de alcançar o seu. Para ele, situações cooperativas ou competitivas se encontram em consonância com objetivos expressos nas interações em diferentes perspectivas e dimensões, ou seja, a estrutura favorece motivações individuais subjetivas a ela semelhantes (nível da subjetividade). Isto significa que contextos cooperativos tendem a facilitar ou promover dinâmicas interacionais cooperativas, mas não necessariamente, porque as pessoas podem interagir em desacordo com as regras do jogo se, em termos de motivação pessoal, estiverem orientadas em outra direção. Além disso, Deutsch destaca que normas e regras de natureza cooperativa e competitiva estabelecidas por um grupo social podem ser estruturadas dentro de um único contexto complexo, o qual organiza diferentes situações de relacionamento entre os indivíduos. Este seria o caso, por exemplo, da cooperação intra-grupo associada à competição inter-grupo.

A análise de Deutsch(1949) contribui, particularmente, para chamar a atenção para a importância do contexto, com suas regras e expectativas sociais. Na versão sócio-cultural construtivista, tal processo é designado como canalização cultural (Valsiner, 1998), como veremos adiante. O autor, entretanto, não dá a devida importância ou destaque, em sua análise, ao caráter processual do desenvolvimento humano em sua dimensão semiótica e sistêmica, o que é necessário para abranger a complexidade do fenômeno da interdependência social em seus aspectos macro (histórico-cultural), micro (contextual/situacional) e subjetivo (individual), os quais estão em permanente processo de mudança ou transformação ao longo da dimensão temporal (Branco,1998).

O fenômeno da motivação precisa ser analisado e entendido, portanto, em sua profunda conexão com o contexto sócio-cultural, superando as tradições da psicologia social (que, mais modernamente, valoriza o contexto) e da psicologia do desenvolvimento clássica (Freud e Piaget, que

mediados semioticamente na realidade, exigem que a psicologia adote um enfoque teórico e metodológico que lhe permita especificamente a dinâmica dos processos responsáveis pela co-construção dos sujeitos em interação.

Entendemos que considerar o comportamento ou a emissão de pessoas através da aplicação de uma medida isolada, implica em uma série de considerações, uma questão em sua complexidade, que deve ser aprofundada no sentido de considerar os aspectos manifestos em nível cultural e estrutural-contextual, dentro de um contexto socio-cultural (Branco, 2001).

Partimos da premissa de que o sujeito envolve crenças, valores e objetivos que sustentam suas ações e pessoas. Dependendo da disposição e do contexto em que se inserem, cooperativas, competitivas e/ou de forma significativa. E é nesse sentido que a importância da motivação social a ser estudado, devido à sua contribuição para o desenvolvimento da personalidade, identidade e das consequências da construção entre sujeito e cultura. A polaridade esta que precisa ser holística a definir-se de forma dinâmica e concebida, pode ser definida, por exemplo, por um sistema hierarquizado de objetivos associados a diferentes contextos, relacionados a prática da cooperação, individualismo em um contexto

O primeiro passo na investigação consiste, então, em reconhecer os ângulos, a heterogeneidade das

previamente definidas de cooperação, competição e individualismo. Examinando diferentes modalidades de participação social, Mead (1937) revela e discute o caráter cultural substancialmente diverso e heterogêneo com que os indivíduos de 13 diferentes sistemas sociais se organizavam, expressando padrões interacionais diferenciados de natureza cooperativa, competitiva e individualista. Apesar da rica complexidade de seus dados e análises, entretanto, esta tende a ficar obscurecida diante da classificação das culturas e da utilização de categorias psicanalíticas pré-estabelecidas, que dificultam a análise das culturas em sua originalidade e complexa heterogeneidade, objetivo principal da antropologia contemporânea.

Em se tratando da análise de padrões culturais marcados pelo individualismo e pelo coletivismo, encontramos nos estudos de Triandis (1991, 1995) a cooperação entendida como um dos atributos característicos de grupos sociais coletivistas, onde a motivação individual sistematicamente se refere ao grupo de pertencimento constituído pela família, tribo, ou nação. Já nas culturas por ele classificadas como individualistas, as pessoas tenderiam mais à competição e à defesa de seus interesses particulares. O mais importante, porém, é analisar a questão da motivação social em sua complexidade, evitando dicotomias que não consideram a riqueza da subjetividade humana em dinâmica relação com o contexto histórico sócio-cultural complexo, ambos em permanente desenvolvimento (Branco, 1996).

Em resumo, o caráter dinâmico e dialógico que caracteriza o domínio da motivação social precisa ser sempre considerado, expressando, assim, a necessidade de não se reduzir as explicações relativas às diversas formas de participação social a princípios exclusivamente individualistas ou coletivistas. A noção de sistemas classificatórios e puramente descritivos, muitas vezes encontrada na literatura, é incompatível com o estudo da motivação social no contexto de uma orientação sócio-cultural construtivista, uma vez que esta não adota categorias universais e estáveis na explicação dos fenômenos desenvolvimentais.

conduzissem à competição, egoísmo, hostilidade, etc. Tal visão maniqueísta claramente desconsidera os significados culturais e a complexidade do fato, deixando aberta a possibilidade para visões etnocêntricas ou culturalmente enviesadas.

O tema da motivação social apresenta, manifestações, a possibilidade de dialogar tendências teóricas marcadas semioticamente histórico-cultural e pelas configurações humanas em que é investigado. O modelo capitalista do mundo ocidental, por configurar, em si mesmo, uma base de diferentes versões de individualismo. Pode-se, de acordo com Dumont (1985), que o individualismo é uma categoria que vem se configurando ao longo das históricas causadas pelo advento do Capitalismo, recentemente, da Revolução Industrial de 1760, medida em que a humanidade passou a caminhar ao avanço tecnológico, associado ao liberalismo, típico da evolução e consolidação do capitalismo. As relações, necessidades e interesses foram se transformando entre os seres humanos (Jurberg, 2000; Tripp, 1987). O modelo de produção capitalista é baseado na disposição competitiva e no controle organizacional. Os modos de pensar, perceber, sentir, relacionar, particular, na existência de equipamentos que articulam no processo de produção (Silva, 2000). O capitalismo também suscita um novo tipo de social: o coorporativismo, onde pessoas pertencentes à mesma categoria são motivadas a agir em torno de objetivos comuns.

A tendência das pessoas a se identificarem com grupos sociais específicos no sistema de produção, como descrito por Jurberg (2000), revela como a mentalidade individualista pode promover uma forma de organização pautada em relações corporativistas. Essa mentalidade pode levar os indivíduos, mesmo de maneira não consciente, a se relacionarem uns com os outros de um modo que favoreça a manutenção de suas identidades de grupo.

enquanto um processo gerado dentro de regras e padrões sociais, a hierarquia de valores e o contexto sócio-cultural funcionam como agentes facilitadores, em maior ou menor grau, da produção e manutenção do processo de individualização. Para Velho (1987), tal como para Dumont (1985), as relações humanas, hoje, trazem consigo uma marca essencial que cristaliza a própria ideologia moderna, sob o fermento do individualismo. Nesta direção, ações individualistas podem ser pensadas em termos da promoção de orientações sociais e disposições psicológicas, que se caracterizam pela disposição da pessoa em orientar-se exclusivamente para o próprio bem-estar, em detrimento dos demais e da coletividade, desconsiderando a repercussão que tal disposição representa na relação com outras pessoas ou grupos sociais. É necessário, porém, distinguir processos de individualização e individualismo, pois o primeiro representa a conquista e o reconhecimento da pessoa em sua condição de originalidade, autonomia e liberdade, e o segundo relaciona-se de perto com disposições egoísticas, corporativistas, hostis e competitivas.

A sociedade se constitui em rica fonte de esteriótipos e manipulações, configurando sistemas valorativos que influenciam os tipos de comportamentos avaliados pelo indivíduo como positivos ou negativos (Martinez, 1997). Entretanto, na integração dos diferentes elementos envolvidos na interdependência humana não podemos desconsiderar a produção de diferentes significados para determinadas ações, os quais devem ser sempre entendidos no âmbito de contextos culturais específicos, levando-se em conta a dimensão da subjetividade dos indivíduos em interação. Cada pessoa vivencia diferentes situações, produzindo diferentes significados e gerando novidades psicológicas, que por sua vez podem configurar mudanças nos contextos sócio-culturais em que atuam.

A abordagem sócio-cultural construtivista, portanto, se constitui em uma opção teórica promissora, ao apresentar uma concepção de desenvolvimento humano que leva em conta as dimensões semióticas e subjetivas expressas tanto

Neste caso, prevalece a noção de estágios desenvolvimentais proposta pelo sujeito supostamente percorre e que refere-se a esta visão como sendo a visão teleológica de desenvolvimento. Cientistas na área, que visualizam o atrelado a esquemas de programação, a idéia de interação indivíduo-ambiente. Segundo os modelos tradicionais, a ênfase tem sido dada ao caráter dos processos desenvolvimentais, constituinte da cultura, em que a estrutura externa a ser estudada, mas estruturador do desenvolvimento.

A perspectiva multilinear (sistêmica ou complexa) reconhece múltiplas trajetórias no processo. Pelo ponto de vista, as transformações de desenvolvimento do sujeito não se dão de uma vez só, nem sequer – ora no organismo, ora no ambiente – de uma vez só. A interdependência recíproca que

Ao sublinhar o papel da cultura, os processos desenvolvimentais, enfatizar os perigos inerentes à cultura, as funções ou características psicológicas que são socialmente construídas ou desestruturadas, e a herança genética, com frequência, marcas profundas de dialética e processual da participação no desenvolvimento no contexto social em que se insere. Se tomada de forma igualmente reducionista, impõe respostas genéticas aos verdadeiros problemas decorrentes da genética dos fenômenos psicológicos.

Segundo a abordagem aqui caracter dialógico da interdependência seja postulado, sendo preciso, entretanto, especificos pelos quais o contexto influencia (moral, política, religião, etc.).

particularmente útil para analisarmos a questão das diferentes modalidades de interdependência social, buscando identificar os componentes e processos sistêmicos envolvidos na dinâmica das interações indivíduo – sociedade.

Assumir a separação inclusiva e a concepção processual de desenvolvimento enquanto construtos analíticos conduz, assim, a questionar toda e qualquer tipologia baseada em traços e características permanentes, ou categorias mutuamente exclusivas no campo da psicologia. Isto permite a elaboração de novas questões teóricas e metodológicas que irão representar os atuais desafios da psicologia contemporânea.

Também julgamos fundamental aqui ressaltar a importância da dimensão tempo na concepção de desenvolvimento segundo a visão sócio-cultural construtivista. A dimensão temporal implica na idéia de contínuas transformações qualitativas, dinâmico-estruturais, que se dão ao longo da trajetória de desenvolvimento da pessoa. O desenvolvimento, então, ocorre no tempo, e mediante um processo de transformação que resulta de complexas inter-relações que se estabelecem entre o sujeito e o ambiente sócio-cultural, processo este que também é orientado para o futuro (Valsiner, Branco & Dantas, 1997). O importante dessa concepção integrada de passado-presente-futuro representa, principalmente, a abertura de um espaço para a indeterminação dos processos desenvimentais, onde a construção e a emergência do novo se torna possível.

Quando focalizamos o mundo subjetivo da pessoa, vemos este sendo construído e reconstruído constantemente a partir das relações dinâmicas e de contínua transformação que ela estabelece com o mundo externo e objetivo, culturalmente mediado. Destacam-se, assim, o caráter ativo do sujeito na construção de seu próprio desenvolvimento, bem como a participação efetiva das sugestões sociais presentes nos mecanismos de canalização cultural que orientam os limites físicos e semióticos que atuam nos processos interativos entre indivíduo e contexto (Valsiner, 1998; Valsiner & cols., 1997). O sujeito, portanto, é o agente da transformação

relativa (dialeticamente relacionada ao indeterminado) fenômenos desenvimentais.

Outro construto central, de grande relevância no tema aqui analisado, é o de internalização, que encontra na própria origem dos processos desenvimentais envolvidos na co-construção de valores.

Explorando o Conceito de Internalização

O conceito de internalização tem sido discutido por diversos autores na tentativa de explicar o processo pelo qual o sujeito, através do qual se torna possível construir sua identidade, constrói conteúdos e processos inter-psicológicos e intrapsicológicos no plano intra-psicológico. Na teoria psicanalítica, o conceito de identificação se refere à idéia de que o sujeito internaliza a base sócio-moral da estrutura social, que inclui os conceitos e outras formas de material psicológico, que são os vínculos afetivos que emergem das relações estabelecidas com os outros, especialmente com o pai (mais especificamente, o pai). No pensamento de Pierre Janet (Valsiner, 1998; Van der Kolk, 1988) o conceito de internalização também é central. Volta-se, basicamente, à constatação de que o funcionamento dinâmico das funções mentais do indivíduo, embora estas apresentem diferenças em termos de valor. Janet postula que, internalizando, o sujeito organiza de forma dinâmica e hierárquica as suas representações psicológicas, ao mesmo tempo em que as reestrutura seu mundo interno e seu mundo social de seu desenvolvimento e das interações com a realidade externa e objetiva.

Em James Baldwin, psicólogo americano do final do século XX, contemporâneo de Janet, estão as contribuições relativas a uma compreensão da natureza das transformações inerentes ao funcionamento do indivíduo, quando ele enfatiza o papel da internalização na construção de seu mundo interno e social (Baldwin, 1994). Para explicar como os mecanismos de internalização (plano social) tornam-se internos (plano psicológico), Baldwin introduz o conceito de imitação persistente, que é a capacidade de um sujeito de imitar e internalizar os mecanismos de

experiências subjetivas novas, assim como novas ações, que acabam por transformar, ao mesmo tempo, o ambiente e o sujeito. Assim, o I (sujeito agente) torna-se Me (sujeito reflexivo), na medida em que reorganiza subjetivamente o material psicológico proveniente de experiências socialmente compartilhadas. O Me, por sua vez, a cada momento, constitui-se objeto de análise do I.

É, porém, nas formulações de Vygotsky sobre a idéia de internalização que encontramos uma elaboração mais sofisticada do conceito. Vygotsky, particularmente interessado na natureza co-constitutiva do desenvolvimento cognitivo (1930-1994; 1986), reconhece a internalização como a interiorização de conteúdos históricos determinados e culturalmente organizados. Ao lidar com as relações afetas à linguagem e à complexidade das funções psíquicas superiores (particularmente o pensamento), Vygotsky associa a idéia de que o processo de interiorização envolve a reconstrução da atividade psicológica interna, tendo como base as operações com signos externos, especialmente os signos lingüísticos. Ao postular que os signos lingüísticos operam como mediadores da re-elaboração mental de processos que transformam o inter-subjetivo em intra-subjetivo, Vygotsky reconhece o papel instrumental da linguagem na reconstrução mental dos recursos internos de que o sujeito dispõe frente a eventos que ocorrem na realidade externa (na resolução de problemas, na tomada de decisões, etc.). Enfim, este movimento de fora (inter-psicológico) para dentro (intra-psicológico) é entendido na teoria histórico-cultural como o resultado das experiências compartilhadas pelo sujeito com outras pessoas, gerando uma série de transformações de natureza qualitativa nas funções psicológicas no percurso do desenvolvimento individual. Suas idéias sobre o conceito de internalização é que servirão de base para a elaboração do mesmo na perspectiva ora adotada.

Internalização e Externalização na Perspectiva Sócio-Cultural Construtivista

Cooperando, competindo e individualizando

relacionados. Envolvem mecanismos que dinamizam a troca e mútua elaboração entre a cultura pessoal – relativamente coletiva – âmbito dos significados (Lawrence & Valsiner, 1993; Valsiner, 1994).

Valsiner (1994, 1998) utiliza a cultura coletiva para expressar a cultura social, em interação constante com o mundo psicológico. A cultura coletiva é construída e compartilhada pelos grupos de pessoas que a participa, incluindo-se aí a linguagem e as práticas de vida cotidiana. A cultura é um sistema constituído por um processo de internalização reconstrutiva de significados, opiniões, enfim, de significados que se relacionam com a cultura coletiva que é processada pelo indivíduo de forma constante, em contextos comunicativos a cultura coletiva dando origem a diferentes significados que se relacionam com os elementos à cultura coletiva. O resultado é que as dimensões da subjetividade desempenham um papel constituinte no processo de desenvolvimento individual e cultural.

Do ponto de vista do individualismo, a cultura é entendida como um conjunto de conteúdos culturais é orientada por objetivos, motivacionais, afetivos etc, que são objetivos, metas e aspectos culturais (de forma intencional), atribuindo significados a partir de um amplo universo de significados que se relacionam com a cultura social de produção de significados. A multiplicidade de sentidos pessoais que se manifestam aqui que, devido ao caráter de significados, evitamos distinguir entre os significados, o que faz Vygotsky, e utilizamos a noção de significados mais ampla (Bruner, 1996). Senão, os significados vão sendo produzidos nos processos de interação entre o indivíduo à problematização de conceitos já existentes, configurando significados que se relacionam com a cultura social de produção de significados.

Analisando contextos de interação entre adultos e crianças, podemos dizer que as mensagens culturais ativamente comunicadas pelos adultos são ativamente processadas pela criança, através de processos simultâneos de internalização e externalização. Crianças e adultos são construtores conjuntos de novos significados culturais e, em seus respectivos papéis, são construtores ativos e conjuntos da cultura coletiva (Valsiner & cols., 1997). Assim, podemos afirmar, juntamente com Lawrence e Valsiner (1993), que os valores culturais e padrões sociais são permanentemente submetidos a processos transformacionais, na medida em que são internalizados e externalizados. Esta é a dinâmica dos processos que constituem, e continuamente modificam, valores, crenças, preferências coletivas e individuais, bem como outros produtos culturais.

Compreender a rede de significados produzidos nos processos de internalização e externalização, sob a visão teórica adotada, nos leva necessariamente a um desafio metodológico: Como especificar o quê, exatamente, é trazido para o mundo intra-psicológico? Como entender a dinâmica das transformações resultantes do diálogo interno das diferentes vozes (Bakhtin, 1986; Wertsch, 1998) no contexto das emoções co-constituídas nos processos de comunicação intersubjetiva? Como analisar as condições ou circunstâncias em que se dão os processos co-constutivos de significação, uma vez que não se trata simplesmente de uma aquisição, ou mesmo apropriação da cultura coletiva no âmbito individual (Valsiner, 1994)? Acreditamos que a adoção de metodologias qualitativas (Corsaro & cols, 1992) e de caráter microgenético (Siegler & Crowley, 1991) sejam particularmente produtivas na busca de respostas para tais questões.

Universo Motivacional dos Valores Sociais: Cooperacão, Competicão e Individualismo

Crenças e valores constituem-se em elementos que compõem o sistema da motivação social do sujeito. Cada pessoa atribui um significado pessoal e subjetivo ao conjunto de crenças e valores que compõem seu sistema de crenças e valores.

contextuais e culturais aí envolvidos. Só distanciamos de uma definição estática representada pelos conceitos tradicionais e, nos aproximamos de uma análise conceitual, as características dinâmicas do funcionamento, passando a empregar o termo orientação.

A introdução do termo orientação na perspectiva cultural construtivista busca assegurar o dinâmico dos conceitos de objetivos, os associados a idéia de transformação (Borges, 1997). Objetivos, crenças e valores, nestes existem de forma estática e independente, a relação bidirecional pessoa-contexto, constituindo e se incorporando ao sistema pessoa de forma contínua e transformadora, perspectivas subjetivas que englobam passado, presente e futuro. A diferença entre crença e valor, conforme colocada por colaboradores (1997), dá-se principalmente na carga afetiva especialmente densa que o conceito de valor, o qual também é proximamente com o conceito de meta ou ideal. Convicções, crenças, valores e objetivos organizam de forma sistêmica, sendo tal organização a sucessivas re-estruturações em função das demandas internas e externas ao sujeito contextualizado. As orientações para objetivo, estas podem ser processos dinâmicos de desenvolvimento que envolvem um sistema de limites intersemioticamente mediado, o qual, por este futuro, impulsiona e limita as ações e os pensamentos dos indivíduos no tempo presente (Valsiner, 1997; Valsiner & cols., 1997).

Estaremos neste artigo nos referindo ao conceito de valor, na medida em que este é um caso especial de orientação para crenças, por maior estabilidade, devido à carga emocional fundamental que desempenha nos processos de socialização. Vamos, assim, analisar

sendo construído e reconstruído, em função de suas orientações para objetivos, crenças e valores, sendo a pessoa freqüentemente motivada por um amplo conjunto de metas e valores que vão definindo prioridades específicas que se modificam no fluxo das relações entre a pessoa e o contexto (Branco, 2001).

Em resumo, podemos dizer que o sistema motivacional da pessoa envolve orientações para crenças, valores e objetivos individuais, que acabam por participar ativamente na promoção de padrões de interação social específicos, como a cooperação, competição e individualismo.

Do ponto de vista metodológico cabe a proposta da utilização de estratégias microgenéticas para a análise das interações sociais (Branco & Valsiner, 1997), as quais possibilitam documentar a emergência das interações que se organizam em um fluxo complexo de atividades orientadas para objetivos, que podem se apresentar ora convergentes (quando há compatibilidade de objetivos), ora divergentes (quando há incompatibilidade de objetivos), ora envolvendo processos de negociação. Além disso, permitem a identificação de padrões de interação que se apresentam ora claros, ora ambíguos ou ambivalentes. O nível microgenético de análise assegura, assim, a visualização das orientações para objetivos individuais, conduzindo a processos interacionais convergentes (Ex.: a cooperação), divergentes (Ex.: a competição), a processos de negociação ou à ambivaléncia.

Branco e Valsiner (1997) destacam a importância dos processos de negociação, exemplificando como processos interativos divergentes (incompatibilidade de objetivos), podem, de fato, se transformar em padrões de interação convergente (compatibilidade de objetivos). Este é apenas mais um exemplo da complexidade que envolve o estudo da motivação social e dos padrões interacionais relativos ao fenômeno da cooperação, competição e individualismo, e que convida a psicologia a encarar de forma igualmente complexa a questão.

interação social. Ao analisar o c
sua estreita relação com os pro
estão na base do desenvolvime
sociais, nosso objetivo foi s
pesquisadores para a importânci
que se dão no dia-a-dia da vida
e a repercussão de tais práticas,
que tange a emergência e c
tendências comportamentais
especialmente o papel fundame
no que diz respeito à canalização
a internalização de valores soci

O artigo propõe, portanto teórica e metodológica que tem para a investigação dos processos de construção de valores sociais e interação social que sejam de objetivos estabelecidos por um coerente com os valores humanos e fraternidade.

Referências

- Bakhtin, M. (1986). The problem of speech genres. In Holquist (Orgs.), *Speech genres and other essays*. University of Texas Press.

Branco, A. U. (1996). Constraints on the use of language (Review essay). *Culture and Psychology*, 2, 1-12.

Branco, A. U. (1998). Cooperation, competition and the constructive approach. In M. C. Lynch (Ed.), *Communication within culturally structured environments* (pp. 1-22). Ablex.

Branco, A. U. (2001). Contextual, interactive and individual factors in the development of cooperation and competition: A co-constructed approach. In J. Valsiner (Ed.), *The theory and practice of cultural-historical theory* (pp. 1-22). Denmark: Aarhus University Press.

Branco, A. U. & Valsiner, J. (1997). Change and development in the study of goal orientation in social interaction. *Journal of Social Psychology*, 9, 35-64.

Brownell, C. A. & Carriger, M. S. (1990). Children's social differentiation during the second year. *Journal of Social Psychology*, 9, 11-22.

Bruner, J. S. (1996). *The culture of education*. New York: Press.

Cole, M. (1982). Culture and the child's learning. In Cole, M. (Ed.), *Signs of culture* (pp. 1-22). Cambridge: Cambridge University Press.

- Eckerman, C. & Peterman, K. (2001). Peers and infant social communicative development. Em G. Bremner & A. Fogel (Orgs.), *Blackwell handbook of infant development* (pp. 19-40). Oxford, UK: Blackwell.
- Ford, D. H. & Lerner, R. M. (1992). *Developmental systems theory*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Guareschi, P. A. (1999). Ideologia. Em M. G. C. Jacques, M. N. Strey, M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: Livro-texto* (3^a ed., pp. 89-103). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hoffman, M. L. (1990). The contribution of empathy to justice and moral judgment. Em N. Eisenberg & J. Strayer (Orgs.), *Empathy and its development* (pp. 47-80). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Johnson, D.W. & Johnson, R.T. (1989). *Cooperation and competition: Theory and research*. Minnesota, MI: Interaction.
- Jurberg, M. B. (2000). Individualismo e coletivismo na psicologia social: Uma questão paradigmática. Em R. H. F. Campos & P. A. Guareschi (Orgs.), *Paradigmas em psicologia social: A perspectiva latino-americana* (pp. 118-166). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kohn, M. L. (1979). The effects of social class on parental values and practices. Em D. Reiss & H. Hoffman (Orgs.), *The american family: Dying or developing?* (pp. 45-68). New York, NY: Plenum.
- Krebs, D. L. (1996). The value of evolutionary perspectives on social relations among children: A commentary. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 75-80.
- La Frenière, P. J. & Mac Donald, K. B. (1996). Evolutionary perspectives on children's resource-directed behaviour in peer relationships: An introduction. *International Journal of Behavioral Development*, 19, 1-5.
- Lawrence, J. A. & Valsiner, J. (1993). Conceptual roots of internalization: From transmission to transformation. *Human Development*, 36, 150-167.
- Magnusson, D. (1995). Individual development: A holistic, integrated model. Em P. Moen, G. H. Elder & K. Luscher (Orgs.), *Linking lives and contexts: Perspectives on the ecology of human development* (pp. 51-73). Cambridge: Cambridge University Press.
- Mead, G. (1937). *Cooperation and competition among primitive people*. New York, NY: McGraw-Hill.
- Mitjáns Martinéz, A. (1997). *Criatividade, personalidade e educação*. Campinas, SP: Papirus.
- Morin, E. (1992). From the concept of system to the paradigm of complexity. *Journal of Social and Evolutionary Systems*, 15, 371-385.
- Morin, E. & Prigogine, I. (2000). *A sociedade em busca de valores*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Radke-Yarrow, M. & Zahn-Waxler, C. (1991). The role of familial factors in the development of prosocial behavior: Research findings and questions. Em D. Olweus, J. Block & M. Radke-Yarrow (Orgs.), *Development of antisocial and prosocial behavior* (pp. 207-233). New York, NY: Academic Press.
- Rogoff, B. (1990). *Apprenticeship in thinking: Cognitive development in social context*. Oxford: Oxford University Press.
- Siegler, R. S. & Crowley, K. (1991). The microgenetic method: A direct means for studying cognitive development. *American Psychologist*, 46, 606-620.
- Silva, N. (1999). Subjetividade. Em M. G. C. Jacques, M. N. Strey, M. G. Bernardes, P. A. Guareschi, S. A. Carlos & T. M. G. Fonseca (Orgs.), *Psicologia social contemporânea: Livro-texto* (3^a ed., pp. 104-123). Petrópolis, RJ: Lawrence Erlbaum.
- Staub, E. (1989). Individual and societal (group) violence: A social learning perspective and their role in benevolence and harm. Em J. Reykowski & E. Staub (Orgs.), *Social and moral values in the 1990s* (pp. 111-130). NJ: Lawrence Erlbaum.
- Staub, E. (1991). A conception of the determinants and consequences of benevolence and aggression: Motives, the self, and the environment. Em E. M. Cummings & R. Iannotti (Orgs.), *Biological and social origins* (pp. 135-164). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Tappan, M. B. (1992). Texts and contexts: Language, culture, and moral functioning. Em L. T. Winegar & J. Valsiner (Orgs.), *Development within social context* (Vol. 1, pp. 93-117). Cambridge, MA: Erlbaum.
- Triandis, H. C. (1991). Cross-cultural differences in assertiveness and group loyalty/cooperation. Em R. Hinde & J. Gough (Eds.), *Individualism and prosocial behavior* (pp. 78-88). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Triandis, H. C. (1995). *Individualism and collectivism*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Valsiner, J. (1987). *Culture and the development of children's social behavior*. New York, NY: John Wiley & Sons.
- Valsiner, J. (1989). *Human development and culture: The sociocultural study*. Lexington, MA: Lexington.
- Valsiner, J. (1994). Bidirectional cultural transmission and sociogenesis. Em W. de Graaf & R. Maier (Orgs.), *Individual development and social transmission* (pp. 47-70). New York, NY: Springer.
- Valsiner, J. (1998). *The guided mind: A sociogenetic approach*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Valsiner, J. & Cairns, R. (1992). Theoretical perspectives on children's social development. Em C. U. Shantz & W. W. Hartup (Orgs.), *Developmental perspectives on children's social development* (pp. 15-35). Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Valsiner, J., Branco, A. U. & Dantas, C. (1997). Co-construction of meaning and development: Heterogeneity within parental belief systems. Em L. Grusec & L. Kuczynski (Orgs.), *Parenting and child development* (pp. 283-304). New York, NY: Wiley.
- Van der Veer, R. & Valsiner, J. (1988). Lev Vygotsky and the origin of the concept of sociogenesis. *Development and Psychopathology*, 1, 1-14.
- Velho, G. (1987). *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Vygotsky, L. S. (1986). *Thought and language* (2^a ed.). Cambridge, MA: MIT Press.
- Vygotsky, L. S. (1930 - 1994). The problem of environmental influences. Em J. Valsiner (Orgs.), *The Vygotsky reader* (pp. 338-352). Blackwell.
- Wertsch, J. (1998). *Mind as action*. New York, NY: Oxford University Press.